

Carta Hatidze

The Hatidze letter

Lettre Hatidze

Glenda Moraes Silva¹

Silvia Nogueira Chaves²

Belém,

11 de fevereiro de 2025

Prezada Hatidze Muratova,

Daqui do clima bem úmido e ao som de chuva ao fim da tarde do inverno Amazônico, te escrevemos para compartilhar sobre as experimentações pedagógicas que realizamos e que você está incluída. Perdoe-nos por não pedir autorização antes, mas o documentário *Honeyland* (2019) a qual você é a personagem principal, nos encantou com seu modo de lidar com tempo e a maneira que maneja o cultivo das abelhas... e não pudemos esperar para levá-lo a sala de aula. Como vão as coisas na Macedônia? Esperamos que esteja tudo bem. Antes de tudo, me chamo Glenda Silva, sou mestranda em Educação em Ciências na Universidade Federal do Pará e junto com a professora Sílvia Chaves, movimentamos o tema *vida* em uma turma de formação inicial de professores.

Esse deslocamento emergiu diante do desejo de pensar a vida como movimento aberto, imprevisível, solidário, interativo, histórico e artístico. E você, Hatidze, foi inspiração para contornar esses movimentos. Antes de chegarmos ao seu documentário, mobilizamos alguns pontos importantes do que pensamos sobre a vida. Como você falaria sobre a vida? Eu, bióloga que sou, pensava a vida de maneira micro para depois pensá-la de maneira macro. Apendi a medir, descrever e identificar um indivíduo para entender suas funções e os supostos porquês de seu comportamento em uma comunidade. Porém, compreendi que essa é apenas uma forma de pensar a vida.

Paiva e Chaves (2017) comentam sobre a impossibilidade de a ciência explicar o que é vida e que por isso, se ocupam e traçam limites sobre a vida no estudo específico do organismo vivo. Talvez seja por esse discurso que sempre que nos perguntam o que é vida, respondamos

1 Universidade Federal do Pará

2 Universidade Federal do Pará

que vivo/ vida é aquilo que respira, tem célula, realiza sinapses, fotossíntese, movimentos e dessa forma, indiretamente definimos funções e sentidos ao que é vivo. Circulamos sangue em quase 10 km de vasos, para quê? Para que serve o cérebro do beija-flor que tem o tamanho de um grão de arroz? Os dentes servem para mastigar ou mastigamos por que temos dentes? Essas foram algumas indagações gestadas durante esse processo.

Suponho que você tenha respostas diferentes das que eu tive para essas perguntas. Não me culpo por pensar (até então) a vida do ponto de vista biológico. Supostamente fomos ensinados a dizer a vida de forma classificatória, descritiva e atributiva. Geórgia Tavares (2019) argumenta muito bem ao incitar sobre formas anátomo-fisiológicas e corpos padrões que “direciona os desejos para normas vigentes, preso na rede da representação da vida tecida pela forma-função- reprodução” (2019, p. 78). Reforçando a suposição de intencionalidade de cada estrutura presente no corpo vivo e sustentando a construção de um modo de vida que exclui muitos outros, inclusive o seu. Afinal, um corpo não se reduz a um organismo (Deleuze; Guattari, 1997).

É nesse sentido que nos propusemos a pensar a vida a partir do ponto de vista que rompe com o pensamento teleológico, classificatório, linear, cronológico e recheado de verdades. Com essa proposta, percebi que a vida pode se dar em vários outros aspectos, ela pode ser filosófica, científica, linear, histórica, artística, orgânica e menor. Você tinha conhecimento sobre todas essas denominações de vida?

Na turma de formação inicial de professores de ciências em que apresentamos o “seu” documentário, objetivamos movimentar o tema vida de modo a incitar a criação de novos formatos e enredos vitais. As experimentações iniciaram com a proposição de que a vida é historicamente construída, por meio de discursos e normas reguladoras. Cruzamos alguns artefatos culturais disparadores de sensibilidades, como contos do escritor Moçambicano Mia Couto e o documentário *My tree* (2021)³ para pensar sobre a organicidade da vida.

Depois incitamos uma vida classificada e sistematizada, criando um sistema de classificação que foge dos critérios taxonômicos (Reino, filo, classe, ordem, família, gênero, espécie) criados por Carl Vón Lineu, conhecido como pai da sistemática. Com isso, provocamos desterritorializações de linguagens com as quais usualmente se classifica a vida e o vivente. Italo Calvino (2023) nos instigou com suas divagações sobre as possibilidades de origem das aves, esticando a virtualidade de uma história de vida inventada. É interessante perceber os sons

³ MY TREE. Direção: Jason Sherman. Canadá: Hawkeye Pictures, Some Canadian. 2021. 1 Filme (102 min), streaming, son., color.

que esse tipo de abertura provoca. No dia da leitura do conto *A origem das aves*, de Calvino, alguns professores comentaram não compreender e até considerar uma “loucura” aquele escrito, pois assim como Qfwfq personagem do conto de Calvino diz “desde que descobrira a existência das aves, as ideias que regulavam o nosso mundo entraram em crise” (2023, p. 171), as ideias de invenção de algo que está muito bem estabelecido também provocam ruídos de crise.

No sentido de provocar ruídos, e peço que não estranhe, o que vou lhe contar agora, propomos um exercício de invenção de um ser vivo. Um ser composto de materialidade, modos de alimentação, habitat, passível de reprodução e interação. Mas tinha um grande detalhe, Hatidze, não podia ser um ser vivo que já existe, ele deveria ser inédito. Assim, foram produzidos seres nunca catalogados antes, inventados a partir de artefatos e repertórios culturais. Seres fabulados com história de vida, alguns denominados de *Tipiô* e *Reicarmantarã*, que se abrigam em ambientes nunca explorados e se alimentam da imaginação de criança. Totalmente inventados e materializados, possuem formas desreguladas, cores vivas e hábitos desconhecidos. Bem diferentes das suas abelhas, Hatidze. Com esse exercício, formas outras de vida foram fabuladas, vidas menores, que na margem das normalizações, criaram distintos modos de conexão entre elas.

Gostaria muito de saber o que pensa sobre esse exercício, você o realizaria?

Não sou muito boa com desenhos, mas tentei fazer esse para você visualizar um dos seres inventados.

Figura 1: Imagem do ser inventado



Fonte: Silva, 2023

“Sou filho da terra sou do reino da proteção”

Este possui vários nomes e responde por todos: Reicarmantarã e Arumã e Tarumã. É um ser de floresta que se alimenta de frutas e eventualmente se torna guerreiro. Tarumã vive em torno de aldeias indígenas, porém nunca se deixa ser percebido por eles. Ele afirma ter um forte vínculo com os povos tradicionais de modo que se sente na obrigação de protegê-los. Arumã é guerreiro.

Ainda no processo de elaborinvenção do ser, pedimos que os professores criassem uma história de vida para eles. Essa etapa constitui-se diante de exercícios de escrita, nele o intuito foi criar ambientação e interação com outros seres também inventados na disciplina. Baseamos na concepção de *escrileituras* de Corazza; Nodari; Biato (2019) a qual não se prende a destinação de elaborar sentidos nas produções, preocupa-se somente nos processos naturais de produção de modos novos de dizer/ ensinar, estimulando a escrita fabulário. Nesse sentido, o guerreiro Reicarmantarã ao caminhar pela mata, encontra Tipiô, um ser completamente imaginário.

— Ôpa!!

— Oi, quem está aí? Será que estou velho demais e ouvindo coisas além da imaginação?

— Não tipiô você está bem, só está preocupado e isso não é bom.

— Quem é você??

— Ah, sim. Desculpe! Não me apresentei, sou Reicarmantarã guardião da floresta e lhe acompanho desde o seu nascimento.

— E por que só hoje apareceu para mim?

— Porque não havia necessidade, mas a partir de hoje vou estar sempre com você, e começarei por revigorar as suas energias.

Como se trata de uma disciplina que envolve saberes científicos, com os exercícios de escrita frisamos o conteúdo *interação dos seres*. Nos preocupamos em pensar de que modo nos relacionamos com o que é biótico e abiótico, quais efeitos a hierarquização das relações produzem, como criar outras relações de cuidado. É aqui que você entra, Hatidze, seu modo de vida que escapa do sistema que sufoca, sua relação de cuidado com as abelhas, a extração do mel de modo equilibrado sem vias de esgotamento, a forma como lida com o tempo de autorregeneração da natureza, o silêncio, a solidão dos campos montanhosos da Macedônia. Te assistir foi um aprendizado tanto do ponto de vista acadêmico – ao pensar em modos outros de ensinar ciências – mas também aprendizado de vida ao refletirmos sobre outros modos de lidar com a natureza e com os seres vivos.

Nossa experimentação pedagógica foi essa, os professores engajaram e foram participativos nas nossas invenções pedagógicas. Minha insegurança de professora temia que eles não embarcassem no que estávamos propondo, porém fui surpreendida com as ideias e o cuidado que eles tiveram em cada detalhe do ser e história criada. Esse é um dos privilégios do ofício. Esperamos que nos retorne, queremos muito saber o que pensa sobre todas essas coisas. Vamos deixar uma referência para que possas acessar os materiais sempre que possível. Desejamos dias bons e saúde.

Um abraço,
Glenda e Sílvia

Referências

- CALVINO, I. A origem das aves: *In*: CALVINO, I. **Todas as cosmicômicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 165–175.
- CORAZZA, S. M.; NODARI, K. E. R.; BIATO, E. C. L. Escreleituras: ler-escrever como método de invenção no ensino e na pesquisa. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, [n. p.], 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- HONEYLAND. Direção: Tamara Kotevska, Ljubomir Stefanov. Produção: Atanas Georgiev *et al.* MK: Apolo Media *et al.*, 2019. 1 Filme (89 min), streaming, son., color.
- PAIVA, E. V. P.; CHAVES, S. N. A história e o ensino de proposições relacionadas aos viventes a partir de Michel Foucault. **Ensenanza de las ciencias**, p. 3549–3553, 2017.
- TAVARES, G. S. **A biologia e a invenção de um corpo normal**. 2019. 126f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemáticas Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

Sobre as autoras

Glenda Moraes Silva: Professora e mestranda em Educação em Ciências.
E-mail: gmglenda14@gmail.com

Sílvia Nogueira Chaves: Professora titular- Universidade Federal do Pará.
E-mail: schaves@ufpa.br

Recebido em: 27 de fevereiro de 2025
Aprovado em: 04 de maio de 2025